

DIVAGAÇÃO

Nunca vi o mar tão azul, nunca vi o mar tão manso. Ipanema quer dizer água triste, doente; mas isso com certeza era com uns brejos que devia haver por aqui. A bem dizer, ainda há: a Lagoa Rodrigo de Freitas só é bonita mesmo como espelho das montanhas; de perto a água é suja, o fundo é de lama, a lagoa é sinistra, mãe cruel, de vez em quando mata todos os seus peixes. Entrei de sócio para o Piraquê (acho que estou atrasado), mas um dia que fui lá a lagoa estava com mau hálito, ainda não voltei. Vamos limpar a lagoa, vamos libertar a lagoa, vamos salvar a lagoa, mandem chamar a mãe d'água para me contar as histórias que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar. Uma bonita moça me diz pelo telefone que no lugar de escrever lamúrias eu devia estar ajudando outras pessoas mais bem dispostas a salvar a República. Porque entrei para o Piraquê? Eu não gosto de lagoa, eu gosto de mar. Terá sido por causa da lembrança boa de uma festa que uma vez houve lá? Porque entrei para os Marimbás? Chico Brito me telefonou agora mesmo, e eu digo que não posso ir pescar, tenho crônicas para escrever, letra para reformar. E aquele homem dos 500 mil réis? Isso foi há tanto tempo que 500 cruzeiros ainda eram 500 mil réis; e 500 mil réis eram algum dinheiro. Eramos rapazes, morávamos no "Catete Hotel" do bom Maciel, que não se zangava quando depois de jantar a gente convidava ele para tomar uma média na esquina. Eramos magros, pobres e talvez aleijados. Quando um perguntava ao outro se alguém tinha telefonado o outro respondia: telefonou sim, era um sujeito que disse que tinha 500 mil réis para dar de presente a você. O sujeito dos 500 mil era o nosso mito de fêmeicos. Um dia me chamaram ao telefone. Era o Antônio Olinto Gonçalves, amigo velho, de Cachoeiro. Disse que tinha entrado nuns dinheiros, sabia que eu andava apertado, queria me oferecer algum. Apareceu sortindo com uma nota de quinhentos mil réis na mão. Nunca houve um Santo Antônio tão milagreiro quanto Olinto Gonçalves. E tinha aquele meu amigo que enganava um sujeito que morava numa pensão vizinha e tinha mulher bonita. Começou fazendo aquilo por malandragem, acabou se apaixonando pela mulher do outro, começou a cismar que o outro, o marido, é que estava enganando ele, queria ir lá tomar satisfação, a gente explicava que não era possível, não ficava bem, onde se viu, ele gritava "a mulher é MINHA", a gente levava ele para a Brama, enchia ele de chope até cair de sono. Acontecia muita coisa no bairro do Catete, imagino que ainda acontece, nós é que acontecemos mais, somos pessoas já muito acontecidas. O telefone bateu, fui atender, não, não era o homem dos 300 mil cruzeiros nem a mulher linda que se lembrou de dizer: "amo-te". Proponho que todos façamos belos gestos. Eu acho que estou me tornando ruim, tenho feito umas coisas que não devia, portanto não mereço milagre. Vou para a varanda e me faz bem ver esse mar tão manso, tão azul que dá vontade de recitar errado como dois cisnes indolentemente, e bolar, bolar nas brumas matinais constantemente. Onde talvez a água se tisne.

17/7/53

R. B.

M - 266 - 28.4.53

trecho

(17.7.53 - 18.7.53 - 31.5.53)

Mar e amor

430